

OITO QUE VIROU TRÊS:

“Construção Identitária de uma Pesquisadora Feminista Lésbica”

Franciele Reis Messias

*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED) da
Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Bolsista FAPESB.*

Franciele.messias@hotmail.com

Dr^a Zuleide Paiva da Silva (Orientadora)

*Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED) da
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)*

Eidepaivasilva@gmail.com

ST n° 21 - GÊNERO, RAÇA, ETNIA, SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE

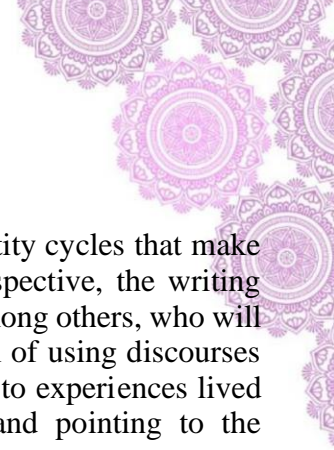
RESUMO

O presente estudo é um recorte de uma pesquisa em andamento no Mestrado Profissional da UNEB, cujo objetivo geral é apresentar o processo de consciência identitária e implicações da autora com sua pesquisa em andamento e objetivos específicos: analisar a regulação discursiva de instituições sociais como família, escola e religião, sobre performatividades da autora; interpretar os processos subjetivos de poder discursivo nas construções identitárias e performatividades da autora/pesquisadora; reunir elementos que alimentem a reflexão sobre o uso da discursividade das performatividades como fonte e ferramenta metodológica de pesquisa e contribuição para o aspecto teórico e procedimental. Uma produção discursiva que põe a autora/pesquisadora como protagonista das cenas que emergem performatividades, em interseções à coleção de ciclos de identidades que compõem o seu eu atual nas experiências acadêmicas e profissionais. Sob essa perspectiva, a escrita se propõe a dialogar com importantes autoras como Haraway, Butler, Louro, entre outras/os, que trarão consistência teórica ao texto. O principal resultado indica o potencial do uso das discursividades sobre performatividades como fonte e ferramenta para fomentar produção de sentido à experiências vivenciadas a partir das análises e ressignificações das cenas, produzindo sentido e apontando para a importância de multiplicar esse tipo de instrumento metodológico de pesquisa.

Palavras-chave: Discursividade. Performatividades. Construção identitária.

ABSTRAT

This study is an excerpt from an ongoing research at the Professional Master's Degree at UNEB, whose general objective is to present the process of identity awareness and implications of the author with her ongoing research and specific objectives: to analyze the discursive regulation of social institutions such as the family, school and religion, about the author's performativities; interpret the subjective processes of discursive power in the author/researcher's identity constructions and performativities; gather elements that feed the reflection on the use of the performativities discursiveness as a source and methodological research tool and contribution to the theoretical and procedural aspect. A discursive production that puts the author/researcher as the protagonist of the



scenes that emerge performativities, in intersections with the collection of identity cycles that make up her current self in academic and professional experiences. From this perspective, the writing proposes to dialogue with important authors such as Haraway, Butler, Louro, among others, who will bring theoretical consistency to the text. The main result indicates the potential of using discourses on performativities as a source and tool to promote the production of meaning to experiences lived from the analysis and reinterpretation of the scenes, producing meaning and pointing to the importance of multiplying this type of methodological research instrument.

Keywords: Discursiveness. Performativity. Identity construction.

INTRODUÇÃO

Foi você? Você é aquela? É você que comemora o aniversário em data diferente da data dos documentos? Foi você que engravidou na adolescência? Você abortou? Você largou a igreja? Você separou do marido? Você virou sapatão? Você largou tudo no Espírito Santo para estudar na Bahia? FOI! FUI EU!¹ SOU EU! Era o que muitas vezes respondia, cansada de tentar convencer/justificar, dizendo: Não foi bem assim...

Apresentar minhas performatividades nas experiências acadêmicas e profissionais em discursividades no primeiro capítulo de meu projeto de pesquisa² do Programa de Mestrado Profissional em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia (Uneb)³, tem sido substancial para compreender a indissociabilidade entre a consciência pessoal, coletiva e universal, nos múltiplos aspectos em jogo ao se realizar uma pesquisa.

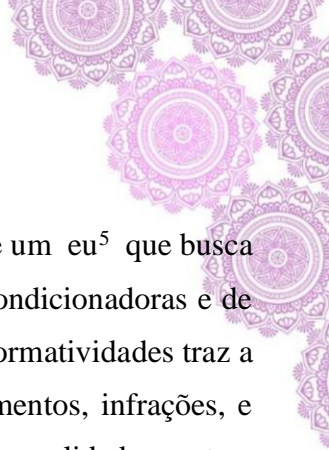
As discursividades⁴ são agenciamento de discursos e enunciados; são símbolos e significados das práticas e de repetições que criam realidades; são pré-estabelecidas no inconsciente-coletivo por meio das linguagens sociais de história cultural e ultrapassam muitas gerações por um discurso social, encontrado na política, na família e na educação.

¹ Esta escrita utiliza a primeira pessoa do singular, concomitante ao uso da terceira pessoa, com o intuito de marcar personalidade em certos momentos do texto. A mudança de pessoa dos verbos indica uma licença epistemológica para lidar com a minha implicação na construção do objeto de estudo.

² A pesquisa em andamento tem como tema “Discursividades das psicólogas escolares sobre as performatividades de gênero e sexualidade nas Redes de Educação Pública no Território do Sisal” e é financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

³ A Universidade do Estado da Bahia é uma instituição *multicampi*. A pesquisa em andamento está sendo realizada no *campus* XIV, localizado em Conceição do Coité.

⁴ Ao longo do texto, o conceito de “discursividade” e “performatividade” serão utilizados na acepção dada pela escritora filósofa feminista, Judith Butler. Considerando essa explicitação, seguirei utilizando os termos, no texto, sem o uso de aspas.



Entendendo que as condições sócio-histórico-cultural de aparecimento de um eu⁵ que busca um lugar existencial e identidade, está implicado em um conjunto de normas condicionadoras e de poderes que agem em discursividades e produzem um Eu que se adapta. As performatividades traz a disputa de narrativas atravessadas de contingências, precariedades, constrangimentos, infrações, e principalmente, estratégias de rupturas e negociações de possibilidades de realidades outras alteridades.

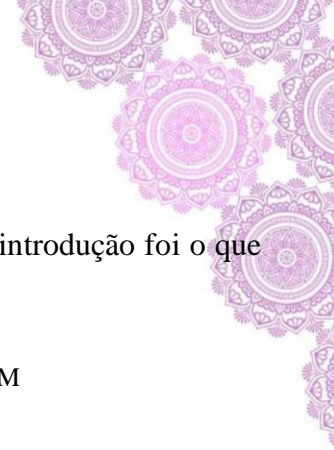
As performatividades em análise hermenêutica de discursividades, faz questionar, criticar e pôr em crise as experiências de vida em ocorrência rasuradas, como possibilidade de compreender os acontecimentos na historicidade. Contrapondo-se ao discurso verdadeiro - entendendo esse como procedimento de controle, fixação e delimitação do eu – antes, é um processo de ressignificação fluída através de aparições, descobertas e construção de sentido nas experiências. Esta, traz à luz aos movimentos de performatividades - de agir para existir - (re)conceitualizando padrões e possibilitando um processo consciência a partir da compreensão dessas ações, no sentido subjetivos dos desejos e poderes que atravessam essas experiências na historicidade com outridade.

Admitindo como princípio que os seres humanos são plurais, constroem-se continuamente por relações com outridades emergidos em linguagens que atuam de maneira poderosa sobre os corpos, esse recorte de projeto de pesquisa vem questionar, como apresentar o processo de consciência identitária da autora e implicação com o tema de pesquisa? No intuito de responder essa pergunta, o texto se propõe a dialogar com importantes autoras como Butler, Haraway, Louro, entre outras/os.

O sequenciamento cronológico linear, foi uma estratégia de organização e sistematização dessa escrita, que entretanto, é uma seleção de momentos, fenômenos específicos de minhas performatividades e rasuras de discursividades, o qual torna-se indissociável fazer a descrição da existência de um eu para além do Eu profissional e acadêmico, narrado através do meu momento presente. E que não tem nada linear, é tudo ramificado, indissociável, cheio de atravessamentos que me (re)constrói diariamente em negociação de como ser eu.

Nesse sentido, a primeira parte dessa discursividades descreve origens e rastros de construção de mim em episódios marcantes da minha trajetória, em geral as questões rasuradas por marcadores de classe e gênero, apresentada como um preâmbulo de mim, titulada “Oito que virou três”. A segunda, apresenta as ramificações entre minha formação acadêmica, atuação profissional e a vida. E por fim, o capítulo “Eu, aqui e agora: Construção identitária de uma pesquisadora feminista

⁵ “Eu” – refere-se ao Ego e o movimento de adaptação, a busca do seu lugar na sociedade e “eu” – refere-se ao Self e o movimento de busca de um significado existencial no mundo.



lésbica”, expõe a implicação com o tema de meu projeto de pesquisa. Como a introdução foi o que escrevi por último, eu termino começando em *poiesis*:

SOBRE LINHAS, CORES E OUTRAS COISAS QUE SE ENCONTRAM

Somos uniões de experiências
Acordos feitos antes de nossa existência
Estamos em atravessamentos
Entrelaçamentos.
Nós e laços policromos
Pigmentados e Invisíveis
Preparação.
Entre opções, inúmeras
Cromáticas e acromática
Linhas várias
Quentes e frias
Experimentações.
Ao destino, possibilidades
Paletas de solidões
De uma ponta a outra
Ligações.
O tempo cruzado
esticado ou emaranhado
Continuum gostos
em apuração.
O que fica
Predileções.
Enfim, a favorita
Apreciação particular
A junção de tudo
afeições.

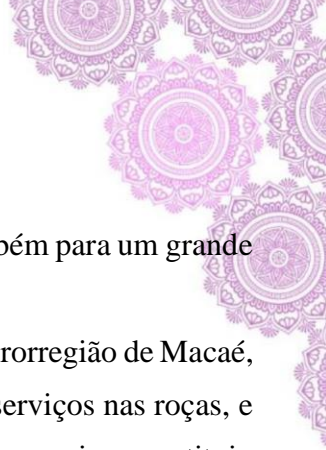
OITO QUE VIROU TRÊS

Se fosse sobre a diferença, a quantidade seria cinco. Se fosse sobre forma, seria o inteiro que se tornou parte. Se fosse sobre símbolos, seria o infinito em vertical que transmutou a ÔM (o princípio da criação). E é sobre isso e muito mais! Consciência, significados, sentidos... compreensões de construção de um eu atravessado por agenciamentos de discursividades na historicidade.

Para começar essa narrativa sobre minhas performatividades nas experiências acadêmicas e profissional diante de discursividades, é importante contextualizar a ambiência que me aguardava antes de meu nascimento. Venho de uma família mestiça, o qual minha mãe descendente indígena e meu pai fruto de uma palmitagem⁶, já nasceram assimilados na cultura urbana colonial. Ser filha, neta ou bisneta de pessoas de origem indígena e negra não significa ser indígena, nem negra, porém os fenótipos que não são parte e nem reconhecidos pela branquitude, refletem nas condições de vidas

⁶ Palmitagem é um termo criado por mulheres negras brasileiras para referir-se aos relacionamentos inter-raciais.





e os processos no qual minha família ancestral foi inserida, e que influenciou também para um grande sentimento de não lugar identitário.

Minha mãe, do interior profundo do Rio de Janeiro, em Carapebus⁷ na Microrregião de Macaé, começou a trabalhar muito cedo. Ainda na infância, ajudava meus avós com os serviços nas roças, e quando mais “mocinha”, em serviços gerais em casas de famílias. Essa lógica de serviço constituiu sua formação de futuros trabalhos e a reprodução de modos de vida por muito tempo.

Meu pai, nasceu no interior do Espírito Santo, em Linhares. Ficou órfão aos doze anos de idade da minha avó paterna preta retinta. Meu avô paterno, sempre foi um pai ausente, homem de descendência italiana, branco de olhos azuis o qual minha avó foi amante fiel. Meu pai foi o sétimo filho de doze do casal informal, criado pela irmã mais velha após a morte de sua mãe, minha tia preta retinta. Meu pai iniciou a vida de trabalhador na adolescência fazendo todo tipo de bico, ajudante de pedreiro, vendedor de panos de prato nos sinais que sua irmã produzia, ademais. Em uma inversão de papéis, era responsável por uma parte significativa da renda familiar.

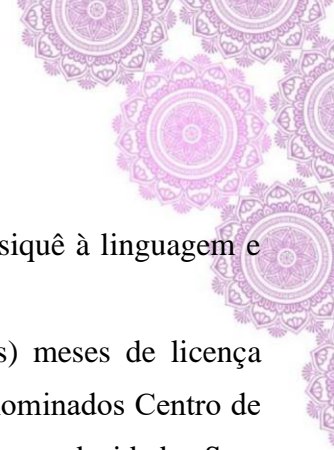
Meus avós maternos mudaram-se para Linhares-ES, para trabalhar em uma usina de cana na produção de Açúcar e Etanol, quando minha mãe tinha dezessete anos. Aproximando-se mais da região urbana, minha mãe retomou os estudos na Educação para Jovens e Adultos (EJA) e foi nesse espaço que meus pais se encontraram e logo eu estava a caminho.

Conhecendo-os ou não, todos nós temos quatro avós, oito bisavós, dezesseis tataravós, pessoas das quais pouco ou nada sabemos, e a quem devemos nossa herança genética, desde o princípio do tempo da humanidade na terra. Por outro lado, Lotf (2013), defende que para além da herança genética, ao nascer o ser humano traz uma herança de psiquismo *continuum*.

Jung reconheceu uma camada mais profunda do psiquismo humano e a nomeou de inconsciente coletivo. Os conteúdos aí contidos nunca foram conscientes, devem sua existência na complexidade do ser humano, à hereditariedade. É uma espécie de memória ancestral, atributo universal da humanidade. Na infância, não existe uma fronteira rígida entre o ego que começa a se formar e os conteúdos do inconsciente coletivo. Uma vez que o ego se estabelece, o indivíduo, naturalmente se volta para os interesses atuais na sua vida, mas com o amadurecimento, a tendência de uma consciência desenvolvida, é a de “recordar” e integrar os símbolos que surgem (LOFT, 2013 p.)

No que se refere às disposições hereditárias, a individualização psíquica está para além do fator determinante da família genética, nela estes são reprimidos por uma superestrutura psicológica, o inconsciente coletivo, o qual são considerados símbolos e arquétipos construído na somatória da experiência da humanidade. Muita coisa que é interpretada como hereditariedade em sentido estrito

⁷ “Carapebus” é um termo de origem Tupi. Significa “rio dos carapebas (*Moharra rhombea*)”, através da junção dos termos *aka'ra* (acará), *peb* (achatado) e *'y* (água, rio).



é antes uma espécie de contágio psíquico que consiste de uma adaptação da psiquê à linguagem e ambiência, nesse sentido criam realidades e verdades que ultrapassam gerações.

Nesta perspectiva, antes do Eu acontecer, minha mãe recebia 6 (seis) meses de licença maternidade em seu trabalho pelo meu nascimento, porém a “creche”, hoje denominados Centro de Educação Infantil (CEI), matriculavam crianças somente a partir de 1 (um) ano de idade. Sem condições de sair do emprego ou pagar alguém para cuidar de mim enquanto trabalhava, pois as condições concretas de existências dependiam da soma daquele rendimento, a solução foi transgredir. A declaração de nascido vivo fornecido pelo hospital com a data 05/08/1991 dava lugar a data 05/03/1991, para realizar meu registro de nascimento. O 8 que virou 3.

Com esse acontecimento que trago a indissociabilidade entre a consciência pessoal, coletiva e universal. O aparecimento de uma personalidade em um mundo em movimento, que se aprende a existir, existindo. Uns com mais possibilidades de existir do que outros. E essa experiência eticizam o eu com/no mundo, podendo, por outro lado, criar transgressores da própria ética.

Minha avó falava: “Lá na roça o pai esperava juntar uns três filhos para ir na cidade registrar tudo de uma vez só, como gêmeos. Ficava mais barato!” O susto que eu tomei aos cinco anos de idade, ao descobrir que teria duas datas de aniversário e que toda vez que assinasse algo legal teria que mentir minha data de nascimento de verdade foi um susto de consciência - *insight* - foi a junção de todas as pista e rastros que encontrava um significado, uma interpretação das experiências ao se tornarem conscientes. O susto acontece, pois, existem materiais inconscientes sobre nós mesmos que não significamos, não nos damos conta, apenas vivemos-os.

O inconsciente coletivo estabelecido antes da individualização, através das relações associativas às lições de vida, experiências passadas de gerações para gerações, e que se tornam símbolos arquetípicos, são também experiências de históricas, sociais, econômicas, artísticas, entre muitos outros atravessamentos que foram vividos pessoalmente ou não, mas que condicionam formas de existir e interagir com o mundo, como exemplo da ética. Coadunando com Butler (2018, p. 122): Eu me desmonto. Constató que sou a minha relação com esse “você” cuja vida procuro preservar, e sem essa relação, esse “eu” não faz sentido e perde a sua ancoragem nessa ética que sempre antecede a ontologia do ego.

A fenda de 5 meses do tempo e/ou um inteiro que se tornou parte e/ou o eterno que se tornou a origem, foi um marco na minha vida. Ali aprendi a primeira maneira de resistência às condições precárias e impossibilidades de viver uma vida vivível. Aprendi e sempre comemoro meu aniversário junto a minha família no mês de verdade, a minha verdade: a-gosto. E hoje compreendo as minorias oriundas de diversos contextos de classe, raça, etnia, gênero, sexualidade e religião estão em lugares de condições precárias latente a própria formação subjetiva, considerada dispensáveis. Como bem diz

Butler (2011, p.59) “O “eu” é assim ao mesmo tempo o “nós”, sem estar fundido em uma unidade impossível”.

Educação Básica

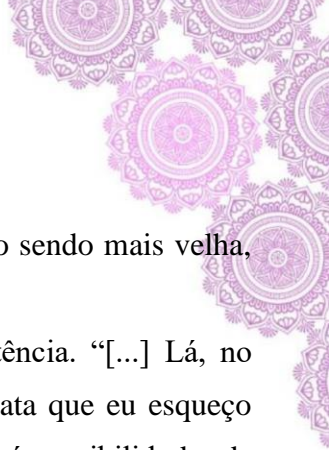
O meu contato com a escola começou antes da minha existência. Concluí a Educação Infantil de período integral, com cinco anos de idade, totalmente alfabetizada e encerrei este período com o discurso da professora “Sempre foi uma aluna boazinha, assídua e colaborativa”. Quer dizer, o 8 que virou 3, deu certo!?

Nascida em 1991 em Linhares-ES, cidade do interior Capixaba, local designado pela/para prestação de serviços e mão de obra de grandes indústrias e comércios, e nessa perspectiva local, meus pais reproduziam mecanismos de disciplina sobre/para minha vida, meu corpo e sexualidade. Diziam: “Você é uma mocinha!” e junto a essa discursividade emergiam significados que depositava pesos em meus braços, uma marcação. Butler explica:

[...] a maioria de nós teve seu gênero estabelecido porque alguém marcou um quadrado em um papel e o enviou, [...] ou talvez alguém tenha simplesmente gritado: “é um menino” ou “é uma menina” (embora algumas vezes essa primeira exclamação seja certamente uma questão: alguém, sonhando em ter um menino, pode fazer apenas uma pergunta: “é um menino?”). [...] De certa forma, todos esses exemplos continuam a ser momentos discursivos na origem da nossa vida classificada pelo gênero. E raramente foi de fato apenas uma pessoa a decidir o nosso destino – a ideia de um poder soberano com poderes linguísticos extraordinários foi, em grande parte, substituída por um conjunto mais difuso e complicado de poderes discursivos e institucionais. (BUTLER, 2018, p. 36)

Finalizando a creche, iniciei o ensino fundamental I, em uma escola no bairro que morava. A rotina escolar iniciava nas madrugadas, quando meus pais saíam para trabalhar, sendo a primeira aluna a chegar, junto ou mesmo antes de funcionárias/os da escola. No ambiente familiar, designada aos cuidados domésticos, ainda na infância aprendi a ser “dona de casa”. Ao sair da aula, passava o período da tarde sozinha, com a tarefa de esquentar/fazer minha comida e arrumar a casa diariamente. “Mas o que somos obrigados a fazer a princípio é representar o gênero que nos foi atribuído, e isso envolve, em um nível inconsciente, ser formado por um conjunto de fantasias alheias que são transmitidas por meio de interpelações de vários tipos” (BUTLER, 2011, p. 38).

Iniciei o Ensino Fundamental II (EF2), com o nascimento do primeiro de meus três irmãos, quando tinha dez anos. Assumi a responsabilidade de cuidar do bebê no contraturno da escola. Meus rendimentos escolares caíram, mas meus pais pediram que eu me esforçasse mais e estudasse quando o bebê dormisse. E assim fui me organizando. Com o passar do tempo, percebi que haviam responsabilidades e cuidados diferentes entre Eu e os meus três irmãos mais novos. Não podia



compartilhar de suas brincadeiras nem ir na casa dos amigos como eles, mesmo sendo mais velha, afinal, era uma mocinha.

Minha história é marcada por importantes períodos de luta pela existência. “[...] Lá, no inconsciente coletivo, eu estou ligado ao mundo numa ligação tão mais imediata que eu esqueço muito facilmente quem eu sou em realidade” (JUNG, 2000, v.1, §45 e 46). Não há possibilidades de transformar o próprio campo de aparecimento no mundo, o que pode existir é uma negociação de aparecimento nos processos de vida o qual dependemos como humanos de muitos aspectos vital e existencial. Entre a escola e eu, vários atravessamentos. A performatividade nas escolas pode ser compreendida nas palavras de Louro a partir do verbo “requisitar”:

A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas. Concebida inicialmente para acolher alguns — mas não todos — ela foi, lentamente, sendo requisitada por aqueles/as aos/às quais havia sido negada. Os novos grupos foram trazendo transformações à instituição. Ela precisou ser diversa: organização, currículos, prédios, docentes, regulamentos, avaliações iriam, explícita ou implicitamente, “garantir” — e também produzir — as diferenças entre os sujeitos (LOURO, 1997, p. 57).

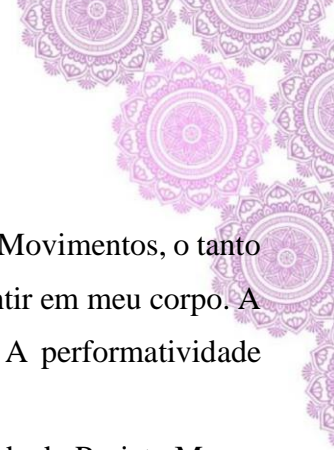
A transgressão foi a minha forma de requisitar, performativizar minha existência. Realizava todas as tarefas de minha responsabilidade o mais rápido possível e depois, longe dos olhos que vigiam e punem⁸, minhas pulsões de vida eram satisfeitas. Esse agir para existir o longo do tempo e espaço, foram movimentos tão natural como respirar, hoje entendo como performatividade, como sugere Butler (2018, p. 15) “esse movimento ou inércia, esse estacionamento do meu corpo no meio da ação do outro, não é um ato meu ou de outros, mas alguma coisa que acontece em virtude da relação entre nós.”

Encerrando o EF2, pouco falava e não tinha muitas/os amigas/os. Mas era “uma criança dócil, inteligente e responsável” nas discursividades e rostos dos outros⁹. Percebo meu processo de educação básica, como uma incessante tentativa de perfurar a realidade de opressão que vivenciava pelo fato de ter nascido mulher e pobre. As primeiras interações, foram vivências e entrelaçadas pelo espaço físico e social das escolas que estudei, o qual depositava toda expectativa em um novo contexto, mas que por fim percebi ser apenas como uma nova forma de reproduzir os mesmos valores familiar e religiosos que viva.

Ao adentrar no Ensino Médio (EM), já sabia muito bem os pontos cegos dos olhos que vigiavam e punem em casa, na escola e na igreja. Exeto quando fui surpreendida pela verdade da transgressão.

⁸ A expressão faz referência a obra *Vigiar e punir: o nascimento da prisão* realizado pelo filósofo Michel Foucault.

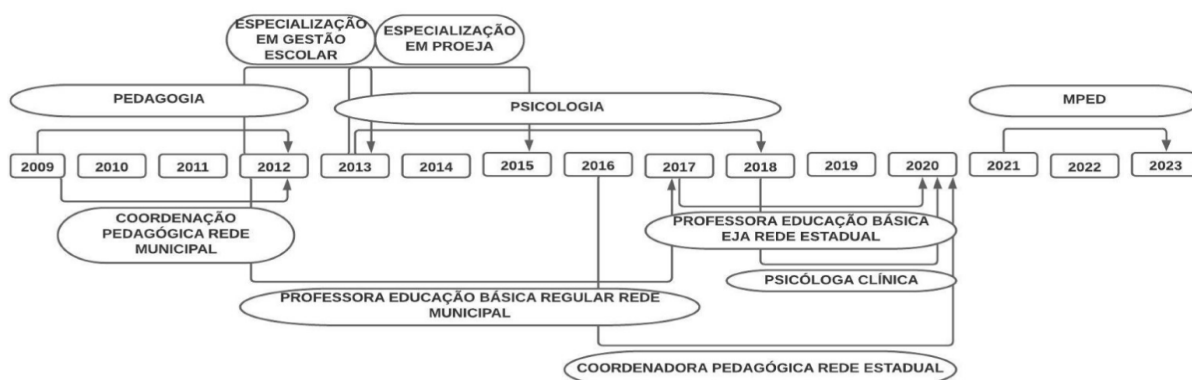
⁹ A expressão advém da obra *Ética e Infinito* do filósofo Emmanuel Lévinas, Trad. port. João Gama. Lisboa.



No segundo ano do EM passei por uma gravidez, aborto, expulsão e volta ao lar. Movimentos, o tanto quanto doloroso e marcantes, que (des)estruturaram minha vida, que precisei sentir em meu corpo. A performatividade é uma estratégia perigosa. A performatividade é malquista. A performatividade quebra o espelho do Ego.

Vencendo o ano de 2008, o qual cursava o último ano do EM junto a jornada do Projeto Menor Aprendiz com trabalhos administrativos, havia uma tensão do que seria minha vida dali em diante. Ao contrário de colegas de sala e outras pessoas na mesma idade e tempo de vida que eu, que se preparavam fazendo testes vocacionais, cursinhos pré-vestibular, ou que teriam futuro garantido nos empreendimentos familiares, eu apenas estava terminando o EM. Não houve conversa ou preparação para aquela próxima etapa, apenas os rastros de discursos de meus pais, o qual não teriam condições econômicas de bancar meus estudos na capital (pois só lá havia universidades públicas) e muito menos uma faculdade particular da cidade. O que ganhava no projeto também não me dava base para isso. Apostei tudo no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e o futuro a Deus pertence, foi o que eu pensei.

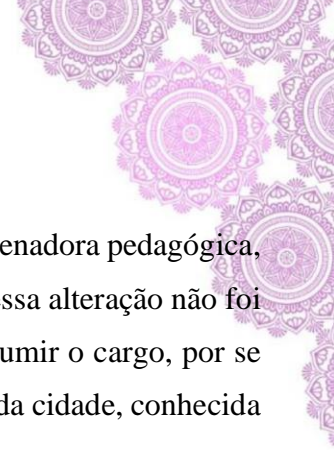
Formação Acadêmica e Atuação Profissional



Na Educação Básica fui uma aluna de notas acima da média, mas a minha maior preocupação era passar de ano escolar. Meu pai dizia: “Não quero ser chamado na escola!” - E nunca precisaram ir à escola. Finalizando o EM sem muitas pretensões, fiz o ENEM e consegui com uma boa nota, bolsa integral pelo Programa Universidade para Todos (ProUni), logrando êxito para o ingresso no curso de licenciatura em Pedagogia. Iniciar o ensino superior em 2009 com 17 anos, bolsista integral em universidade particular em encontros semanais no período noturno, foi uma alegria na época, um esperar de um futuro antes inexistente.

Iniciando o primeiro semestre da licenciatura, surgiu a oportunidade de atuar como auxiliar pedagógica em uma escola da Rede Municipal de Educação, através de um programa de estágio em





pedagogia. Logo fui contratada por designação temporária para o cargo de coordenadora pedagógica, o qual deu linha a minha atuação profissional. É importante contextualizar que essa alteração não foi devido a meritocracia e sim pelo fato de que nenhuma/m servidora/r queria assumir o cargo, por se tratar da maior escola municipal de ensino fundamental de localidade periférica da cidade, conhecida na região como “Carandiru”.

A convivência naquela comunidade escolar me fez crescer muito como profissional de educação, tanto quanto a licenciatura em pedagogia. As situações diversas da minha rotina me faziam refletir o tempo todo sobre os verdadeiros significados de estar naquele contexto. De 2009 a 2010 já haviam passado pela EMEF três diretoras. Em 2011 o ano letivo iniciava e ninguém queria assumir a direção. Assim a Secretária Municipal assumiu uma dupla jornada, até que em meados do ano um “corajoso” - diziam a equipe docente - assumiu a demanda, até o final do ano letivo.

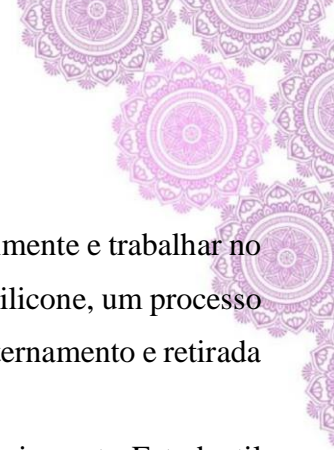
Percebia um grande distanciamento entre as disciplinas do curso de pedagogia e a realidade da escola que atuava, as professoras mediadoras do curso eram tradicionais, em uma lógica disciplinar o qual o conhecimento se sobrepõe a ação, dando a entender que a teoria e prática caminham separadamente. Ainda assim, muitos aprendizados das aulas foram se concretizando na vivência do chão da escola.

Em 2012, iniciei a especialização em Gestão Escolar, pensando no aprimoramento da função profissional que exercia a pouco mais de 2 (dois) anos como coordenadora na EMEF que recorria mais uma vez na procura por uma/m nova/o gestora/r. Comecei atuar nesse mesmo ano, como professora em Educação Infantil no turno matutino em um município vizinho.

Enfim, terminando 2012 estava licenciada em pedagogia, com 20 anos de idade. Encerrava também nesse período o meu contrato temporário na EMEF como coordenadora. Nesse mesmo ano, casei-me oficialmente no cartório e igreja com um homem branco de 27 anos, após três anos juntos. Em 2012, as atividades da Igreja que frequentava ficaram mais intensas, participava do ministério de louvor no vocal e instrumental, participava do ministério de escola dominical e do ministério de líderes.

No início de 2013, finalizo a especialização em Gestão Escolar. Já com experiência profissional como coordenadora pedagógica e professora da Educação Básica, senti o interesse em conhecer mais sobre a modalidade EJA. Assim iniciei especialização em Educação de Jovens e Adultos Profissionalizante (ProEJA), pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES).

Minhas experiências, profissionais e acadêmicas, unida a minha história de vida, fizeram imergir inquietações e desejo por compreender as inter-relações da educação e a psicologia, o qual me levaram a formação em bacharelado em psicologia a partir do segundo semestre do ano 2013.



Mais um desafio se apresentava para mim, estudar no período noturno presencialmente e trabalhar no matutino como professora. Ainda nesse ano, a pedido do meu marido, coloquei silicone, um processo de três meses desgastante, pois tive infecção generalizada com necessidade de internamento e retirada das próteses, lutando para viver.

Apostei em uma nova formação, com a possibilidade do Fundo de Financiamento Estudantil (FIES). Nessa direção, minha escolha pelo Curso de Psicologia se deu de forma amadurecida. Durante a graduação (2013.2-2018.2), na busca de entender a subjetividade (e inter) humana em suas diferentes perspectivas, tive acesso a várias áreas da ciência, além de uma formação pluralista, envolvendo diversas teorias embasadas filosoficamente e epistemologicamente.

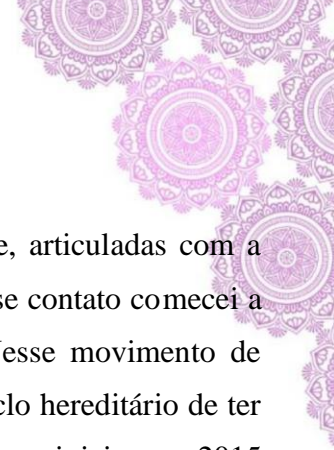
Posso dizer que os primeiros semestres (2013.2 a 2014.2), cujo currículo priorizava a teoria e técnicas psicoterápicas, diagnóstico e intervenção em psicologia e psicopatologias, foram muito complicados para mim. Minha formação inicial se deu predominantemente em uma perspectiva tradicional e demandavam bem menos comprometimento, energia e tempo.

Quando tive a oportunidade de cursar disciplinas que corroboraram na implicação com os processos educacionais, retornando como experiências fundamentais para minha formação e construção profissional inicial, tive um grande sentimento de pertencimento. Em 2015 concluí a especialização em ProEJA aliviando a sobrecarga que estava sendo conciliar a especialização, graduação em Psicologia e o professoralizar.

Em 2015, me descobri lésbica. Dizer isso hoje parece o tanto quanto leve, mas essa descoberta, para mim, foi desesperadora. Conteí ao meu marido sobre “o episódio lésbico” (foi assim que ele chamou), pensando que desmoronaria meu casamento monótono, mas ao contrário, ele “permitiu” que tivesse relacionamentos extraconjugais, desde que fosse com mulheres e não passasse de uma ficada. Nesse período, entrei em contato com a Doutrina Espírita e rompi com os laços criados na Igreja Batista. Não conseguia lidar com o fato de ter que ficar fingindo um casamento heterossexual monogâmico, para aquela comunidade religiosa que fazia acepção de pessoas LGBTQ+. Com tantas contingências, entrei em crise existencial e comecei a psicoterapia.

Enquanto acadêmica do curso de Psicologia, meus interesses estudantis foram se esboçando gradativamente sobre tópicos relacionados ao gênero e sexualidade, o qual deu linha a articulação para a criação de um projeto de extensão sobre o tema, atuando com palestras e rodas de conversas nas escolas Públicas Municipais. A realização do projeto de extensão, proporcionou momentos de reflexões acerca da importância da escola nas questões de gênero e sexualidade.

Em 2016, iniciei como Coordenadora, agora uma experiência na rede Estadual de Ensino. Os interesses crescentes pelas questões de gênero e sexualidade, impulsionaram para participação no movimento social feminista “Viva las Fridas”. O grupo era composto por mulheres cis e trans do



município de Linhares-ES, o qual propiciava discussões nas praças da cidade, articuladas com a concepção de desigualdades de gênero, sexualidade, classe e raça. A partir desse contato comecei a transição capilar, aceitando meus cachos e a potência das minhas raízes. Nesse movimento de empoderamento, assim como outras mulheres, ganhei força para romper um ciclo hereditário de ter um casamento tradicional representativo (um processo de divórcio muito difícil, que iniciou em 2015 e concretizou-se em meados de 2017).

Em 2017 iniciei a experiência profissional na EJA. Minha primeira turma foi de primeira à quarta etapa (multisseriada) nível de alfabetização. Era composta por jovens expulsos da educação básica por indisciplinas e distorção idade e série, jovens em liberdade provisória do Instituto de Atendimento Socioeducativo do Espírito Santo (IASSES) e adultos analfabetos e semi-analfabetos.

O contato com a perspectiva da psicologia social ampliou horizontes para percepção dos fenômenos ocorridos na escola. Como prática de estágio no 8º período de Psicologia, realizado no Centro de Atendimento Integrado da Comunidade (CATI), tive como uma das funções atribuídas a realização do atendimento e acompanhamento psicológico de adolescentes e jovens com dificuldades escolares. Pude observar que muitas das dificuldades dessas personalidades, tinham poucas, ou nenhuma ligação ao cognitivo dos estudantes, e mais em suas relações existenciais/sociais, sendo gênero e sexualidade as que mais apareceram naquela experiência e que acabavam respingando como sintomas no desempenho escolar.

Concluí o curso de psicologia no segundo semestre de 2018. Já havia iniciado atendimentos de psicoterapia em consultório particular, atividade que mantive nos anos seguintes ao recebimento da licença do Conselho Regional de Psicologia (CRP). Extra muros escolares, consolidava o processo profissional na psicologia, com adolescentes e jovens, em atendimento clínico. Mas que logo adentraram à escola, a partir de desvio de função, já que não havia o cargo institucionalizado. Desenvolvi o projeto Acolhimento Emocional, com trabalhos relacionados a apoio, amparo, conexão com as/os alunas/os e profissionais, estabelecendo relações e vínculos de confiança, pertencimento e segurança emocional no ambiente escolar. Com a pandemia, a partir de 2020 os trabalhos passaram a ser virtual. Continuei com os atendimentos psicológicos e o projeto através da Web.

Durante o isolamento Social, comecei a escrita do Projeto de Pesquisa, que até então estava inscrita para realização de prova no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfETP) pelo IFES, que foi sendo adiada devido a COVID-19. As viralizações de LIVES nas redes sociais, me aproximaram de algumas universidades. A primeira foi a UFSC, o qual comecei a participar como ouvinte do Grupo de pesquisa AFRODITE e a segunda, foi a UNEB, a partir do contato no Grupo de pesquisa Formação, Experiência e Linguagens (FEL/CNPq). Participei da organização da Campanha de 16 dias de ativismo na UNEB pelo fim da violência contra mulher.

Apasionando pelo FEL no qual agora sou participante como mestranda do Programa em Educação e Diversidade.

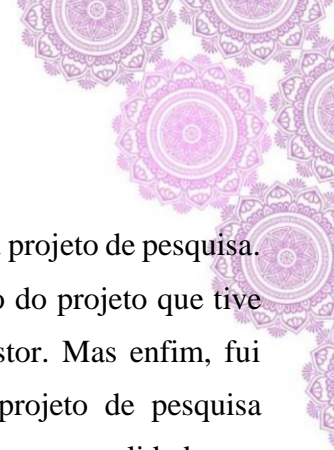
Eu, aqui e agora: Construção Identitária de uma Pesquisadora Mestiça Feminista Lésbica

Percebo que minha trajetória de vida deixou marcas de vivências e sinalizações importantes, e pode ser parecida com a de muitas pessoas, mas nunca será igual. Interagimos com o meio e o momento histórico em que nos inserimos. Dessa forma, não posso me definir como preta, nem indígena, tampouco branca, apesar de ter ancestrais afrodescendentes e indígenas. Sou uma mestiça. Fui determinada mulher pelo órgão genital, disciplinada a ser feminina e ter relacionamento hétero, e apesar de muito tempo ter vivido sobre esse condicionamento, hoje lésbica, me constituindo como feminista. Essas e outras questões apresentadas na escrita deste documento, me levaram a construção do projeto de pesquisa que me transbordam hoje.

É fundamental expor que a minha participação no grupo de pesquisa Formação, Experiência e Linguagens (FEL/CNPq), lotado no Departamento de Educação/Campus de Conceição do Coité da UNEB, só foi possível devido a esse momento trágico da pandemia do COVID-19, quando as reuniões do FEL passaram a ser online.

O Território do Sisal apareceu, através das pesquisas das/os professoras/es e estudantes do FEL. Também por causa da minha participação no FEL, o dispositivo de pesquisa utilizado é o Grupo de Experiência (GE), invenção metodológica criada por professoras do grupo. Como uma tradução do grupo focal, o GE possibilita a produção de narrativas de forma não teleológica e em processo de desconstrução. Ou seja, as narrativas produzidas pelos sujeitos da pesquisa não são construídas em torno de verdades ou senso comum já esperados e construídos para cumprir expectativas do Outro, mas, num espaço de compartilhamento de experiências com obras de arte, as narrativas são desconstruções de si, por causa do movimento estético envolvido.

As discursividade e performatividades, apareceram, ao começar a debruçar-me sobre os estudos de Judith Butler, em estudos autônomos. É importante dizer que durante minhas formações, só me eram apresentadas referências masculinas. E as/os psicólogas/os escolares, por total implicação e conclusões após revisão sistemática que sugerem: a autocrítica na área é incipiente; a construção social da diferença, atravessada por marcadores sociais, ainda é uma discussão pouco sistematizada na área da Psicologia Escolar e; a restrita discussão de produção de saberes localizados. As epistemologias de identidade com objetividade parcial é, a partir do conceito de visão (HARAWAY, 2009), um posicionamento crítico de que marcadores corpóreos são não-idênticos criam campos de significados da realidade a partir de quem se olha.



Tive acesso a uma das divulgações da seleção no grupo FEL e submeti meu projeto de pesquisa. O processo de seleção foi constituído por várias etapas e entre elas a avaliação do projeto que tive uma boa nota e a banca, o qual mal conseguia falar pela síndrome de impostor. Mas enfim, fui aprovada no processo seletivo para iniciar no MPED em 2021.1, com o projeto de pesquisa “Discursividades das psicólogas escolares sobre a performatividade de gênero e sexualidade nas Escolas de Educação Básica Pública do Território do Sisal”

Todas essas experiências formativas fortalecem a visão de um eu localizado. Nesse processo de pesquisa e de produção, que se inserem na investigação do limiar transitório das relações consciente-inconsciente, indivíduo-sociedade, sujeito-objeto, eu-outro, finalizo a escrita deste texto, acreditando destacar a implicação e o compromisso com a educação, no decorrer de minha carreira profissional e acadêmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a discursividade “A mocinha da casa” ainda é, ou ainda se mantém na memória coletiva dos sujeitos que são interpelados pelo imaginário construído no agenciamento de significados discursivos estabelecido nas histórias orais e arquetípicas que se instalam em torno do nascer com uma vagina, há a necessidade da performatividade. A proposição de uso da hermenêutica de discursividades sobre performatividades como instrumentos metodológicos assume importância fundamental, no intuito de construir modos de fazer pesquisa “com”, assumindo um saber localizado, um encontro de personalidades únicas, sem desposseção e sem a obrigação de terceira pessoa na pesquisa.

Nesse sentido, aposto na potência de pulsão de vida das experiências através das significações e compreensões das discursividade sobre performatividades, nas múltiplas possibilidades e movimentações de sentido. Aposto no uso das discursividades sobre performatividades como fonte e ferramenta para fomentar produção de sentido à experiências vivenciadas a partir das análises e ressignificações das cenas, produzindo sentido e apontando para a importância de multiplicar esse tipo de instrumento metodológico de pesquisa. Destaco que este círculo de compreensão não se esgota aqui, pois este é apenas o começo de meu projeto de pesquisa.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Corpos em aliança e a Política das ruas. Notas sobre uma Teoria Performativa de Assembleia.** Tradução Fernanda Siqueira Miguens. Revisão técnica Carla Rodrigues. 1ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial.** Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: Ago. 2020.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. (Obras completas de C. G. Jung, v. 9/1).

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação.** Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOTF, Glória. **Abundância.** RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde. Rio de Janeiro, v.7, n.1, Mar., 2013. Disponível em: www.reciis.icict.fiocruz.br e-ISSN 1981-6278. Acesso em: 19 jun. 2021.

NOTAS EXPLICATIVAS COMO NOTAS DE FIM

1. Essa escrita utiliza a primeira pessoa do singular, concomitante ao uso da terceira pessoa, com o intuito de marcar personalidade em certos momentos do texto. A mudança de pessoa dos verbos indica uma licença epistemológica para lidar com a minha implicação na construção do objeto de estudo.
2. A pesquisa em andamento tem como tema “Discursividades das psicólogas escolares sobre as performatividades de gênero e sexualidade nas Redes de Educação Pública no Território do Sisal” e é financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).
3. A Universidade do Estado da Bahia é uma instituição *multicampi*. A pesquisa em andamento está sendo realizada no *campus XIV*, localizado em Conceição do Coité.
4. Ao longo do texto, o conceito de “*discursividade*” e “*performatividade*” serão utilizados na acepção dada pela escritora filósofa feminista, Judith Butler. Considerando essa explicitação, seguirei utilizando os termos, no texto, sem o uso de aspas.
5. “Eu” – refere-se ao Ego e o movimento de adaptação, a busca do seu lugar na sociedade e “eu” – refere-se ao *Self* e o movimento de busca de um significado existencial no mundo.
6. Palmitagem é um termo criado por mulheres negras brasileiras para referir-se aos relacionamentos inter-raciais.
7. “Carapebus” é um termo de origem Tupi. Significa “rio dos carapebas (*Moharra rhombea*)”, através da junção dos termos *aka'ra* (acarã), *peb* (achatado) e *y* (água, rio).
8. A expressão advém da obra *Vigiar e punir: o nascimento da prisão* do filósofo Michel Foucault.
9. A expressão advém da obra *Ética e Infinito* do filósofo Emmanuel Lévinas, Trad. port. João Gama. Lisboa.